

'Processo' digno de Kafka

■ *Leitura da saga de Josef K., traduzida do original alemão, deixa de ser um exercício kafkiano*

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Uma nova e oportuna tradução do romance **O processo**, uma das obras-primas de Franz Kafka (1883-1924), estará chegando às livrarias do país no mês que vem, com o selo da editora Brasiliense, 63 anos depois de sua publicação, feita postumamente por Max Brod, amigo e testamenteiro do autor. O livro já esteve ao alcance do leitor brasileiro, em mais de uma versão — mas nunca com a qualidade do trabalho assinado agora por Modesto Carone, 51, professor do Departamento de Teoria da Literatura da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que pela primeira vez tomou como texto-base o original alemão, língua em que se expressava o genial escritor Tcheco.

"Finalmente temos um Kafka à altura", saúda uma autoridade no assunto, o poeta e crítico José Paulo Paes, que traduziu do alemão dois contos do autor de **O processo**, incluídos no livro **Os buracos da máscara**, antologia de histórias fantásticas por ele organizada. Paes estende os elogios ao trabalho anterior de Carone, que já colocara em português, sempre a partir do original, outros textos de Kafka, também lançados pela Brasiliense: **Um artista da fome** e **A construção** (num só volume, em 1984), **A metamorfose** (1985), **Carta ao pai** (1986), **O veredicto** e **Na colônia penal** (um volume, 1986). Estes livros serão reeditados brevemente, dentro de um projeto gráfico concebido pelo artista plástico Takashi Fukushima. **O processo**, além de 3 mil exemplares iniciais em brochura, terá também 300 em capa dura.

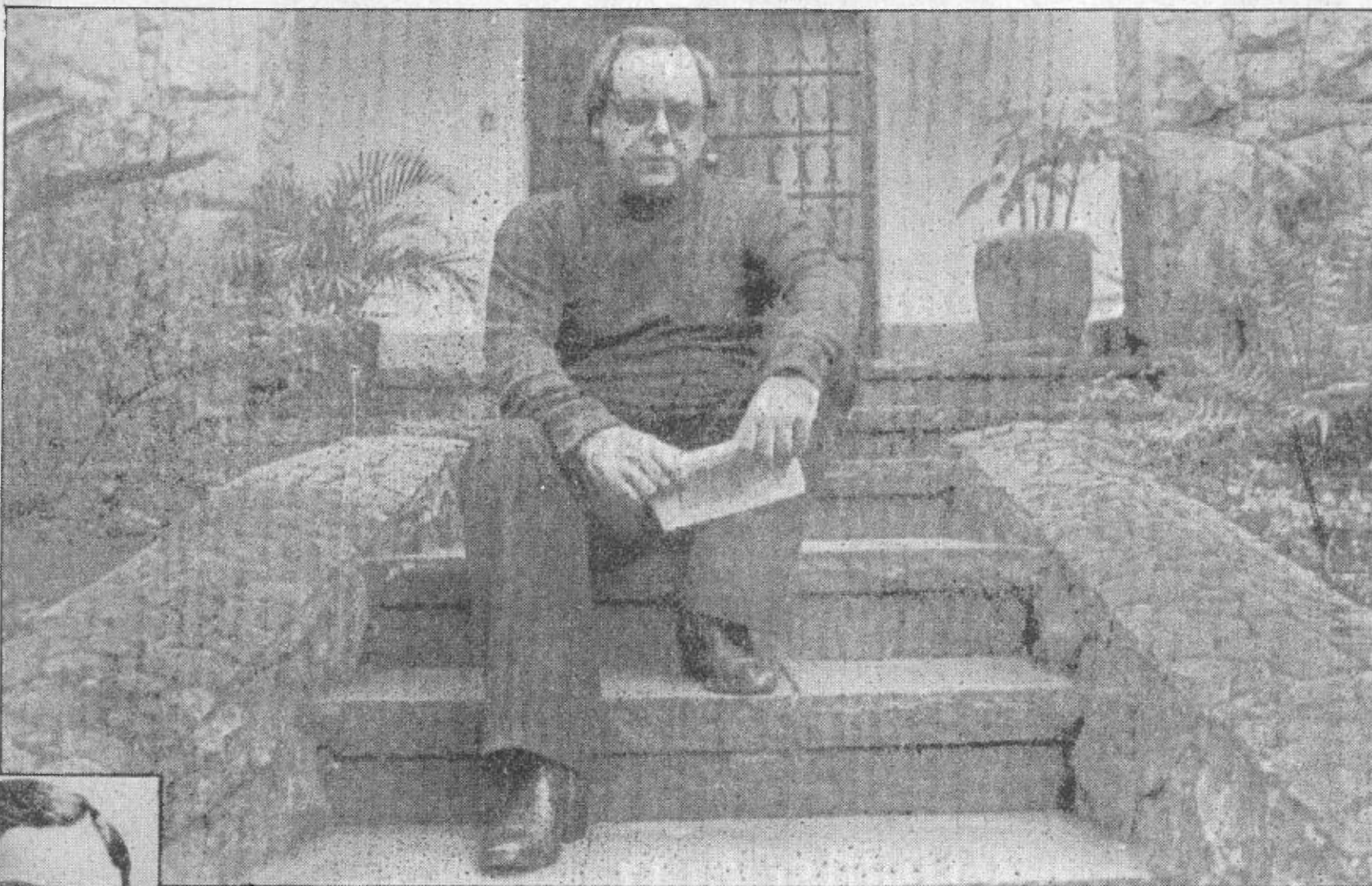
A primeira tradução de uma obra de Kafka no Brasil, a novela **Metamorfose**, há mais de 20 anos, trazia a assinatura de Brenno Silveira, que para fazê-la se baseou numa versão inglesa. Depois disso vieram outros livros, sempre de segunda fonte — do inglês, do francês ou adaptações de textos publicados em Portugal. Nomes como os de Antônio Torrieri Guimarães, Syomara Cajado e do próprio Brenno Silveira se associaram, na memória do leitor, à obra do escritor, não raro criando, para muitos deles, pesadelos literalmente kafkianos, tal a

quantidade de barbaridades veiculadas por essas traduções.

"Um editor que se preze jamais encomendará uma tradução que não parta da língua original", condena José Paulo Paes. Na sua opinião, o problema, no Brasil, decorre da falta de pessoal qualificado para a tarefa. Modesto Carone lembra que o trabalho de tradução vai muito além da mera transposição de um idioma para outro: para ele, que já publicou três livros de contos (**As marcas do real**, **Aos pés de Mathilda** e **Dias melhores**), e que está escrevendo seu primeiro romance, **Resumo de Ana**, um bom tradutor tem que ser também um escritor, necessariamente. "O trabalho do tradutor", entende, "passa pela recriação, pela habilidade em trazer à nossa língua todas as intimidades de um texto escrito em outra."

Curiosamente, o primeiro contato de Carone com Kafka, 30 anos atrás, foi via inglês. Depois disso, década de 60, tendo aprendido alemão, ele foi professor de Cultura Brasileira na Universidade de Viena, na Áustria. De volta ao Brasil, lecionou literatura alemã na USP (Universidade de São Paulo) durante dez anos. À medida que se familiarizava com o idioma germânico, começou a se incomodar com as arbitrariedades cometidas no Brasil contra os textos de Kafka. Em **O processo**, por exemplo — história de um procurador de banco que, ao completar 30 anos, é detido em sua cama, interrogado, submetido a julgamento, condenado e executado, sem que fique sabendo por que ou por quem —, Carone lamenta que os tradutores não tenham sido nada fiéis "linguagem de protocolo" utilizada pelo autor, que era também advogado e conhecia a fundo a terminologia jurídica e a técnica forense. "E absurdo", diz Carone, "que a palavra **cartório** tenha sido traduzida por **chancelaria**, **inquérito** por **investigação** e **petição** por **pedido**."

Além disso, acrescenta, "um tradutor que não leve em conta as peculiaridades do estilo de Kafka — seco, despojado e sem lirismo — não apreende a essência de sua prosa".



Modesto Carone (foto maior) lamenta que os tradutores de Kafka (acima) tenham sido infiéis à "linguagem de protocolo" de O processo